

O CÓDIGO DA VINCI – CONSIDERAÇÕES CRÍTICAS EM PERSPECTIVA TEOLÓGICO-LITERÁRIA

Carlos Caldas*

Em 2004 surgiu um novo fenômeno literário, um mega sucesso de vendas: trata-se da obra *O Código da Vinci* (*The Da Vinci Code*), do jovem romancista norte-americano Dan Brown. Aparentemente, apenas mais um bem sucedido escritor, como tantos que, de quando em quando, o mercado estadunidense faz aparecer. Entretanto, devido à natureza da obra, grandes e inflamadas polêmicas têm acontecido. Dan Brown tem conseguido incendiar paixões. Nada disso aconteceria não fora a contundente afirmação de Brown, antes do início de sua narrativa: “todas as descrições de obras de arte, arquitetura, documentos e rituais secretos neste romance correspondem rigorosamente à realidade” (2004: 12). Pois o que Brown faz é sistematicamente desconstruir o que por dois milênios tem sido patrimônio espiritual de cristãos de todas as tradições, no Oriente e no Ocidente.

Mas, poder-se-ia argumentar, “é só um romance!”. Por que razão então perder tempo na produção de um artigo que visa argumentar contra um texto que está mais para um folhetim que para um tratado teológico? Tal esforço não seria um desperdício inútil de energia? Não seria mais proveitoso escrever sobre outras temáticas? De fato, a fantasia de Brown não é um livro de história, tampouco de teologia. Neste sentido, pode ser encarado apenas como fruição, como um livro para não ser levado a sério. Não obstante, o próprio Dan Brown não apresenta sua obra como simples texto para fruição dos leitores. Brown parece estar firmemente convicto que apresenta a verdade, e não apenas uma distração em sua obra. Evidências apontam para o fato que em seu livro, Brown está a fazer propaganda religiosa em seu livro, propaganda esta decididamente comprometida com princípios da espiritualidade do MNE e contra o depósito de fé de cristãos ortodoxos orientais, romanos, reformados e pentecostais.

* O autor é pastor da Igreja Presbiteriana do Brasil. Graduado em Teologia (Seminário Presbiteriano do Sul) e em Letras: Português/Inglês (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Caratinga) e Doutor em Ciências da Religião (Universidade Metodista de São Paulo). Atualmente leciona na Escola Superior de Teologia e no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Presbiteriana Mackenzie em São Paulo.

Para quem não leu o livro

Apresentar-se-á síntese da obra. Evidentemente, tal síntese é o que pretende ser: apenas uma síntese. Trata-se, portanto, de uma ousadia, apresentar em poucas linhas a síntese de uma obra composta por 105 capítulos (antecedidos por um prólogo e seguidos de um epílogo), ao longo de 475 páginas.

A narrativa de *O Código da Vinci* (doravante, OCDV), narrada em ritmo alucinante, conta sobre Robert Langdon, professor de simbologia (religiosa) na famosa Universidade de Harvard, nos Estados Unidos¹, que está em Paris ministrando conferências. Langdon é acordado no meio da noite pela polícia francesa, que o convoca para prestar esclarecimentos sobre um estranho assassinato: Jacques Saunière, Curador do Museu do Louvre, fora encontrado morto naquela noite. Antes de morrer, Saunière conseguira deixar uma bizarra mensagem com seu próprio corpo, tendo pintado com seu sangue em seu abdômen o antigo símbolo do pentagrama, e um recado aparentemente óbvio, que incriminaria o professor norte-americano: “achem Robert Landgom”. Entra em cena Sophie Neveau, criptologista da polícia francesa, que quer ajudar Langdon a fugir (mais tarde, fica-se sabendo que Sophie era neta de Saunière). A partir daí, são capítulos e mais capítulos de uma tensa fuga da polícia, ao mesmo tempo em que Neveau e Langdon se envolvem na busca de um segredo supostamente secular: a supostamente verdadeira identidade do Santo Graal, que alimentou tantos mitos medievais. Enquanto isso, outros assassinatos vão acontecendo, por Silas, albino de estatura descomunal, ligado ao movimento católico romano ultraconservador conhecido como Opus Dei, que também está na busca desesperada pela localização do Santo Graal. Tudo isso em meio a incontáveis e estonteantes “revelações” de um “sabichão” Langdon (o alter-ego de Brown?) a uma sempre estupefata Sophie sobre qual seria a verdadeira origem do cristianismo, sobre qual seria a verdadeira religião ancestral da humanidade (conforme Langdon/Brown, a religião do “sagrado feminino”), sobre os segredos do Priorado de Sião, antiga e secreta ordem que seria a guardiã do segredo do Graal, sobre a supostamente verdadeira atuação da Ordem dos Templários, e sobre a chave para o desvendamento deste incrível segredo, no famoso quadro *A Mona Lisa*, de Leonardo da Vinci (daí o título do livro), além de um verdadeiro

¹ Deve-se observar que não existe a disciplina “Simbologia Religiosa” em Harvard.

dilúvio de informações sobre detalhes arquitetônicos de igrejas em Paris, e informações gerais sobre a cidade de Paris, sobre o Vaticano, e outros lugares na Europa ou em Nova Iorque (por exemplo, a sede da Opus Dei). Caminhando para o final do livro, outro personagem entra em cena: Hugh Teabing, milionário inglês radicado na França, que ajuda Langdon e Neveau, mas que será no fim revelado como o verdadeiro criminoso, pois manipulou para que a Opus Dei realizasse para ele os assassinatos. Conforme o livro, o Graal não seria o cálice onde Jesus teria tomado a Última Ceia, mas o útero de Maria Madalena, que teria concebido de Jesus. Este nunca passou de um mestre sábio, que jamais teria sido entendido como o Filho de Deus, e nunca pretendeu sê-lo. Tal entendimento teria sido obra do imperador Constantino, apenas no quarto século da era cristã (de acordo com Brown, durante os primeiros séculos da era cristã, ninguém jamais considerou Jesus como o Messias, ou como o Filho de Deus – tal compreensão de Jesus teria sido “invenção” de Constantino, em manobra política). O Priorado de Sião teria a incumbência de proteger a descendência de Jesus e Madalena (que teria viajado da terra de Israel ao que hoje é a França, onde desde então seus descendentes teriam vivido), e a Opus Dei tentaria a todo custo impedir a revelação deste segredo. No fim, tudo termina bem, com a revelação de Teabing como a mente criminosa brilhante por detrás dos assassinatos cometidos pelo homem da Opus Dei. Retiram-se as acusações contra Robert Langdon, que feliz, louva a “deusa”, o “sagrado feminino”, em cima do lugar em Paris onde Maria Madalena teria sido sepultada, abaixo da pirâmide de vidro localizada na entrada do Louvre.

Considerações literárias

Apresentar-se-ão a seguir sucintas considerações sobre OCDV em perspectiva de análise literária. A obra de Dan Brown parece ter sido escrita seguindo as regras de um manual do tipo “como escrever um *bestseller*”. Prova disso é que já há em inglês outro romance de Dan Brown² (*Angels and Demons*), com o mesmo personagem Robert Langdon. Certamente Robert Langdon³ fez de Dan Brown um milionário. Sem dúvida, mesmo sendo um texto carente de densidade (e talvez por isso mesmo), é uma literatura de sucesso, pois OCDV já vendeu mais de dez milhões de exemplares em todo o mundo. Isto é

² *Anjos e demônios*, também publicado pela Editora Sextante em 2004

³ Chega a ser irônico que o fictício Robert Langdon tenha uma página real na internet: www.robertlangdon.com

bem típico da cultura *pop* estadunidense, que tem um impressionante poder de penetração e influência em praticamente todo o mundo. O texto também passa a nítida impressão de ter sido escrito pensando em um roteiro de cinema. Está repleto de clichês. Falta à obra a densidade e a profundidade literária de um verdadeiro clássico⁴. Neste sentido, Dan Brown está mais para Sidney Sheldon que para Ernest Hemingway, F. Scott Fitzgerald ou Truman Capote (para citar apenas romancistas estadunidenses, como é o caso do autor de OCDV). É bem verdade que Brown revela ter cultura geral em seu romance, que está recheado de informações sobre história da arte, detalhes arquitetônicos de catedrais européias, curiosidades etimológicas e dados os mais variados sobre diversos outros assuntos. Talvez tais demonstrações indiquem mais uma “cultura inútil”, bem ao estilo dos antigos almanaques de farmácia, que uma verdadeira erudição⁵. Seja como for, é de se imaginar que a grande quantidade de informações apresentadas ajudou (e ajuda) a vender a imagem de Brown como um sábio, dando-lhe prestígio e certa aura de respeitabilidade, contribuindo para que autores desavisados comprem um “pacote fechado”, tomando como verdadeiras todas as teses que o livro defende.

O ritmo da narrativa é acelerado. Capítulos e mais capítulos (todos muito curtos) são apresentados como acontecendo em uma única noite, em uma correria desenfreada pelas ruas de Paris. As revelações estonteantes e perturbadoras de Langdon a Sophie Neveau são apresentadas entremeadas por inúmeros *flashbacks*. Estes são do professor dos Estados Unidos, que recorda aulas ou palestras que deu sobre simbologia religiosa, e também da criptologista francesa, que recorda cenas de sua infância com seu avô, que a criou depois da misteriosa morte de seus pais.

Como dito na síntese da obra, caminhando para o final do livro, Dan Brown tenta fazer uma reviravolta em sua narrativa, das que sempre aparecem em filmes policiais: durante todo o tempo, se pensa que alguém é o criminoso, e no fim, descobre-se que o criminoso é outra pessoa, completamente diferente de quem se pensava que fosse. No caso, durante a leitura de OCDV, todos pensam que o criminoso é o Bispo Manuel Aringarosa, da Opus Dei, o mandante dos crimes praticados por Silas. Descobre-se depois que a

⁴ O que configura uma obra literária como um clássico? O que diferencia um clássico de uma obra escrita para fazer dinheiro, como é o caso de OCDV? Quanto a isso, as observações de Ítalo Calvino (1993) são fundamentais e imprescindíveis.

⁵ No, entanto, há que se observar no entanto a cuidadosa lista apresentada por Shugarts (in Burstein, 2004:290-320) de erros, conceituais, incoerências literárias, e equívocos de toda natureza, na obra de Brown.

verdadeira mente criminosa era o milionário britânico Hugh Teabing (algumas vezes, fica a impressão que Teabing também é um alter-ego de Brown). Só que Brown não consegue convencer o leitor nesta mudança tão brusca. Fica no leitor um sentimento de desapontamento, devido ao fracasso de Brown em sua tentativa de convencer o leitor que a Opus Dei não é o antro de corrupção, violência e falta de escrúpulos que por todo o livro deu a entender que era.

Mais uma consideração quanto ao livro, em perspectiva de literatura comparada: é possível afirmar que Brown apresenta uma mensagem de conteúdo pagão em uma moldura cristã. De modo que é possível traçar uma comparação com a conhecida trilogia de *O Senhor dos Anéis*, de J. R. R. Tolkien, que apresenta uma mensagem de conteúdo cristão em uma moldura pagã. Deste modo, Brown pode ser visto como um “anti-Tolkien”.

Em suma: OCDV é literatura de segunda categoria. Mesmo assim, conseguiu uma proeza, transformando seu autor em celebridade, ao vender centenas de milhares de cópias em todo o planeta.

Breve análise dos conteúdos de *O Código da Vinci*

Brown quer ser romancista e professor ao mesmo tempo. Esta confusão metodológica é, a um só tempo, a causa do sucesso e o “calcanhar de Aquiles” da obra. Portanto, não sem razão, em curto espaço de tempo, vários livros foram publicados em refutação das extravagantes teses calorosa e apaixonadamente defendidas por Brown⁶. Ao mesmo tempo, há livros que pretendem defender as posições estapafúrdias e sensacionalistas que Brown adota⁷.

Apresentar-se-ão a seguir, posto que em síntese, apenas algumas das teses que Brown defende e divulga em OCDV, seguidas de reflexões críticas sobre as mesmas. As teses de Brown serão apresentadas de modo aleatório, sem uma seqüência lógica preestabelecida. Tal não será feito de modo exaustivo, pois a apresentação e refutação de cada uma daria um artigo completo. A ênfase maior deste artigo recairá no aspecto da apologia de princípios do Movimento Nova Era na obra de Dan Brown.

⁶ Em português já foram publicados: Welborn (2004), uma especialista em História da Igreja, Lutzer (2004), teólogo, e Bock (2004), biblista, com especialização em Novo Testamento.

⁷ Baigent, Leigh, Lincoln (1993; 1994); Lunn (2004).

⁸ Welborn (2004:15).

As fontes de Brown em OCDV

Que fontes teriam inspirado Brown para a produção de sua obra? Ele afirma que há “milhares” de livros que defendem o ponto de vista que expõe em OCDV. Na verdade, Brown não é original. Não há tampouco “milhares” de obras que defendam as teses que advoga em OCDV. As idéias básicas de OCDV são extraídas das obras de Baigent, Leigh e Lincoln (1993; 1994). A influência destes autores em OCDV é tamanha que “em outubro de 2004, Baigent e Leigh processaram a editora de Dan Brown, afirmando que *O Código da Vinci* plagiara ‘todo o quebra-cabeça’ do livro deles” (Haag & Haag, 2005, p. 207). Quando lançadas, no exterior e no Brasil, estas obras foram execradas por historiadores, cristãos e não cristãos, devido ao imenso número de distorções que apresentam. Vários críticos tacharam especialmente a obra de 1993 de “pseudo-história”. Portanto, não tiveram grande influência. Mas há que se observar que as obras deste trio constituem-se em ameaça muito mais séria ao Cristianismo histórico, por serem apresentadas com ares de (suposta) seriedade acadêmica, e não como ficção, como é o caso de OCDV. No Brasil, como visto, o impacto e a influência destas obras ficaram minimizados. No entanto, as mesmas teses apareceram com força anos mais tarde, em OCDV. Brown conseguiu a popularidade que Baigent, Leigh e Lincoln não conseguiram. Isto torna a obra de Brown “perigosa” – nem tanto pela ficção em si, mas por veicular, pela ficção, ensinamentos, com uma aura de respeitabilidade acadêmica, que são completamente contrários ao patrimônio de fé do cristianismo ortodoxo em seus dois mil anos de caminhada. Mais que isso, por veicular informações comprovadamente falsas e destituídas de base como se fossem fatos verídicos.

Outra fonte que Brown usa à farta é a obra de Picknett & Prince (2000), da qual extrai a noção de que haveria um “código” oculto em telas de Leonardo da Vinci.

A respeito desta influência em Brown foi dito:

Assim, quando Dan Brown escreve que, naquela pintura (*A Última Ceia*) a figura de João é na verdade Maria Madalena. Que essa figura e Jesus estão “unidos pelo meio de seus copos”; que os dois juntos configuram um M na composição: que uma mão desprovida de corpo brande um punhal – tudo isso, e mais, origina-se de *A Grande Heresia*. Além de regurgitar tal fartura de distorções, Dan Brown repete de *A Grande Heresia*, sem contestação, o comentário de que não há sobre a mesa nenhum cálice, nenhum graal, ao contrário do que relata o Novo Testamento – desconsiderando o fato de que Leonardo estava pintando

uma cena, do Evangelho de João, em que a ceia já acabou e a mesa já foi praticamente tirada⁸.

Em suma: Brown lança mão de várias fontes para a composição de OCDV⁹. O que há em comum nestas fontes é seu aspecto “alternativo”, e ao mesmo tempo, de uma “teoria da conspiração” – defendem que o cristianismo ortodoxo promoveu uma conspiração contra o que seria o verdadeiro cristianismo. Na verdade, o que fazem é uma “conspiração reversa” – uma conspiração contra o verdadeiro cristianismo.

A importância dos textos gnósticos na compreensão das origens do Cristianismo

A tendência atual em determinados setores da academia teológica anglófona é hipervalorizar a importância dos textos gnósticos na compreensão das origens do cristianismo, ao mesmo tempo em que minimiza o valor dos evangelhos canônicos (Mateus, Marcos, Lucas e João). Os evangelhos gnósticos estão longe de ser os mais antigos documentos do cristianismo. Muito pelo contrário. Hoje, já se sabe com certeza que os evangelhos canônicos são mais antigos que os gnósticos. Em OCDV, Dan Brown segue a citada tendência contemporânea que quer ver nos gnósticos a legítima expressão da verdade, e nos canônicos, um complô para abafar traços humanos da vida de Jesus e suprimir o “sagrado feminino”. Chega a ser irônico como Brown não percebe que é exatamente o contrário: é nos evangelhos canônicos que há em abundância referências à plena humanidade de Jesus. Os canônicos não escondem referências ao cansaço físico, ou à sede ou à alegria ou à tristeza ou à indignação de Jesus. Tais traços simplesmente desaparecem nos gnósticos, influenciados que eram pela tradição platônica, que vê o elemento corporal como sendo intrínseca e ontologicamente inferior ao espiritual. Esta perspectiva é totalmente contrária à mentalidade semita, encontrada na Bíblia Hebraica, da qual os quatro evangelhos canônicos (e todo o restante do Novo Testamento) são herdeiros diretos e legítimos.

Ademais, os evangelhos canônicos não foram aceitos por imposição de Constantino, como afirma Brown. O Concílio de Nicéia tampouco não tratou da questão do cânon

⁸ Haag & Haag, 2005, p. 202.

⁹ Para uma lista completa das fontes que serviram de inspiração a Brown, consultar Haag & Haag, 2005, p. 201-213.

neotestamentário. Brown também afirma que cerca de 80 evangelhos gnósticos, que conteriam a “verdade” sobre Jesus, foram simplesmente banidos. O que Brown não diz (por não saber?) é que jamais houve 80 evangelhos gnósticos.

O Graal

Brown em sua obra defende que o famoso “Santo Graal”, ao contrário do que se pensa, não seria o cálice onde Jesus celebrou a última ceia, mas o útero de Madalena, que teria concebido de Jesus. O casal, conforme Brown, teve uma filha que recebeu o nome de Sara. Brown alega que a descendência de Jesus e Madalena é a raiz da família real merovíngia francesa, que, aliás, teriam sido os fundadores da cidade de Paris (OCDV, p. 274). Só que não há qualquer base histórica para tal afirmação – Paris já existia no século III a.C. Os merovíngios apenas tornaram Paris sua capital em 508 d.C¹⁰. Brown defende que a origem etimológica de “Santo Graal” seria *sang real* – “sangue real”. Nenhum estudo etimológico sério confirma a explicação dada por Brown.

Não há dúvida que o Graal é um dos mais conhecidos mitos literários da cultura ocidental. Mas não há nenhuma fonte séria que aponte para o Graal como símbolo, referência ou alusão ao útero de Maria Madalena ou qualquer indicação que se refira ao “sagrado feminino” ou à “religião da deusa”, como quer Brown. Zink (2003:63-90) faz um estudo aprofundado e detalhado da “arqueologia” do Graal enquanto mito literário. Em seu estudo, Zink não encontra em nenhuma fonte medieval absolutamente nada que aponte para a direção sugerida por Brown. Em toda a Idade Média, simplesmente não existe nada que ao menos de longe sugira o que Brown defende em seu texto. É curioso observar que Umberto Eco, *scholar*, medievalista e literato de escol, em seu romance *Baudolino* (2001) também apresenta o Graal (chamado em seu livro sempre de “Greal”), mas conforme a visão tradicional do Graal como o cálice usado por Jesus na noite que antecedeu sua crucificação. Assim, não há dúvida que Eco é verdadeiramente fiel ao espírito do imaginário medieval.

Os Cavaleiros Templários e o Priorado de Sião

Brown cita várias vezes em seu livro a famosa ordem dos Cavaleiros Templários. Cita também uma misteriosa entidade, conhecida como Priorado de Sião, que teria como missão a proteção da família de Jesus dos ataques da Igreja Católica Apostólica Romana. De acordo como Brown, o Priorado veneram Maria Madalena “como a Deusa... e a Divina Mãe” (OCDV, p. 272).

Qualquer medievalista com um mínimo de seriedade acadêmica sabe que a ordem dos Templários nunca teve nada a ver com uma defesa dos descendentes de Jesus de ataques perpetrados pelo Vaticano. Os Templários jamais tiveram outro objetivo a não ser proteger as rotas de peregrinação na “Terra Santa” – e peregrinos cristãos – de ataques de salteadores ou malfeitores muçulmanos¹¹. Demurger (2002) faz amplo e minucioso estudo sobre as ordens militares medievais, no período que vai do século XI ao XVI. (Templários, Teutônicos, Hospitalários, de São Lázaro, e outras menores e, por isso mesmo, menos conhecidas, como a Cavalaria da Bem Aventurada Virgem Maria, a Ordem da Paixão, e várias outras). A obra de Demurger é rica em detalhes sobre o contexto das ordens militares e suas atividades. Não há uma única palavra no texto de Demurger sobre a suposta verdadeira razão de ser dos Templários no entendimento de Dan Brown, que seria a guarda de um suposto segredo milenar que, se revelado, jogaria por terra o cristianismo¹².

Já o Priorado de Sião (*Prieuré de Sion*) realmente existiu – foi organizado em 1956 por Pierre Plantard (falecido em 2000) e mais três amigos¹³. O curioso é que Plantard foi processado na França na década de 1960 por falsificação de documentos históricos¹⁴. Não há nenhuma evidência de base histórica real para o que Dan Brown afirma sobre o Priorado de Sião em OCDV. Por exemplo: ao contrário do que afirma Brown, com toda certeza, Leonardo da Vinci, Sandro Botticelli, Isaac Newton e Victor Hugo não foram grão-mestres da instituição. Pois simplesmente não havia Priorado de Sião no tempo deles. Tampouco não há na *Bibliothèque Nationale* de Paris os famosos documentos que Brown chama de *les Dossiers Secret* (Dossiês Secretos), que dariam conta da organização do Priorado em

¹¹ Para uma apresentação honesta e bem fundamentada historicamente sobre a atuação das ordens militares cristãs do período medieval, consultar, inter alia, Walsh, 2003.

¹² Para uma refutação bem fundamentada da opinião de Brown sobre os Templários, vazada em linguagem bem humorada e comunicativa, consultar Haag & Haag, 2005, p. 94-97.

¹³ Para detalhes da verdadeira história do Priorado de Sião, consultar <http://bmotta.planetaclix.pt/prieure.html>

¹⁴ O lado nada oculto das sociedades secretas. *Terra*. Abril 2005, No 156, p. 67.

1099. Portanto, o que Brown afirma categoricamente como sendo fato verídico é apenas ficção, e não história.

Presença de elementos do Movimento Nova Era em *O Código da Vinci*

Nos inícios dos anos de 1990 falava-se muito na “ameaça” da Nova Era em igrejas evangélicas do Brasil. Era muito comum, por exemplo, acampamentos de jovens com este tema e artigos em periódicos evangélicos que apresentavam uma apologética cristã aos pressupostos e temas do MNE. Mas, afinal de contas, o que é “Nova Era?” Definição concisa e elucidativa é oferecida por Manuel Vasquez, que assim define o MNE:

A expressão “Nova Era” é como um guarda-chuva sob o qual se abrigam filosofias, crenças, práticas, e ensinamentos baseados nas religiões místicas orientais (Hinduísmo, Budismo, Zen-Budismo, filosofia Taoísta Chinesa), Ocultismo ocidental e secularismo humanista. Denomina-se “Nova Era” porque, de acordo com os ensinamentos da astrologia, a cada 2.000 anos uma nova era se inicia. Estamos agora saindo da Era de Peixes e entrando na Era de Aquário¹⁵.

Percebe-se que a expressão “Nova Era” é uma rubrica debaixo da qual se abrigam uma quantidade impressionante das mais variadas tendências espirituais, místicas e esotéricas, como a religiosidade tradicional de grupos indígenas da América do Norte, antigas tradições druídicas, técnicas de psicologia popular, meditação transcendental e diversos outros elementos de religiosidades orientais, e várias outras.

Marylin Ferguson, uma das principais expoentes do movimento, falava em uma “conspiração aquariana”, linguagem que decerto alimentou uma fobia em mentes evangélicas bem intencionadas, mas que chegava não raro às raias da paranóia, pelo medo que tinham que todas as estruturas de poder e organizacionais do mundo viessem a ser tomadas por adeptos do MNE:

Procura-se em vão por uma afiliação em suas formas tradicionais: partidos políticos, grupos ideológicos, clubes ou fraternidades. Em lugar de tudo isso, o que se encontram são redes e pequenos agrupamentos. Há dezenas de milhares de pontos de acesso à conspiração. Onde quer que haja pessoas compartilhando experiências mais cedo ou

¹⁵ Vasquez (1999, 3).

mais tarde elas se ligam umas às outras e, por fim, formam círculos maiores. Seu número cresce a cada dia¹⁶.

Observa-se na fala de Ferguson o aspecto fluido e informal dos partidários do MNE. Tal aspecto torna em certo sentido difícil uma análise de princípios do MNE em OCDV. Não obstante, é possível pensar em pelos menos dois aspectos tipicamente “Nova Era” encontrados no folhetim de Brown. Estes elementos, interligados e interdependentes em OCDV, são a defesa do “sagrado feminino” e a releitura do ensino a respeito de Jesus. Para efeitos de clareza didática, serão apresentados de modo separado.

A defesa do “sagrado feminino” em *O Código da Vinci*

Um traço inegavelmente “aquariano” na obra de Brown é a defesa do que ele denomina “sagrado feminino”. Conforme Brown, o culto do que chama simplesmente de “deusa” teria sido a primeira expressão religiosa da raça humana. Esta religião, evidentemente pré-cristã e centrada na natureza (portanto, não messiânica e destituída do conceito de revelação) encontra no sexo feminino um símbolo óbvio da fecundidade da terra¹⁷. Antes de prosseguir, necessário se faz conceituar um conceito importante para o entendimento da proposta que efetivamente Brown está a defender em OCDV – trata-se do conceito do que convenientemente pode ser chamado de “neopaganismo”. Carl Braaten assim define este conceito:

“Neopaganismo” é uma palavra usada de maneiras fortemente impressionistas. Algumas vezes é usada para qualquer coisa oposta ao Cristianismo. Eu uso o termo para se referir a modernas variações e atíngias crenças de religiões de mistério pré-cristãs, que uma centelha ou semente divina é inata à alma humana individual. O caminho da salvação é voltar-se para dentro “entrar em contato consigo mesmo”, como se diz hoje¹⁸.

A bem da verdade, há que se destacar que existem divergências teóricas entre defensores clássicos da Nova Era e praticantes do neopaganismo. A diferença básica é a seguinte: enquanto aquarianos clássicos esperam o advento de uma Nova Era no futuro, os

¹⁶ Ferguson (1995, p. 25).

¹⁷ Para uma refutação bem fundamentada das teses de defensores da “espiritualidade da deusa”, que alegam ser este culto a religião primordial da humanidade, consultar Davis, 1998.

¹⁸ Braaten in Braaten & Jensen (1995, 7).

neopagãos pretendem reviver o que supõem ter sido a religião de seus ancestrais. No entanto, ambos os pontos de vista concordam na rejeição do cristianismo com seu conceito de revelação e da unicidade de Jesus Cristo em seu papel como mediador entre Deus e os homens. Dan Brown advoga explicitamente o culto ao sagrado feminino – a “deusa” – em sua obra. A religião da “deusa” cultua a própria terra, que passa a ser entendida como tendo vida e como sendo divina em si. A deusa terra é geralmente conhecida como “Gaia” ou “Grande Mãe”, “Deusa Mãe” ou simplesmente, como faz Dan Brown em OCDV, “a deusa”. Daí, via de conseqüência, vem uma rejeição completa da tradição judaico-cristã ortodoxa que, conforme a crítica neopagã, seria representativa de um culto machista, patriarcal, opressivo, autoritário e intolerante, que precisa ser abolido. Tais elementos de exacerbação da figura masculina e conseqüente rejeição da figura masculina têm sido cada vez mais comuns em diferentes setores na sociedade contemporânea.

No livro de Brown, Maria Madalena é vista como uma espécie de sacerdotisa do culto da deusa. Evidentemente, Madalena também passa por uma revisão radical na pena de Brown. Pois não há nada nos evangelhos canônicos que dê base para que se pense em Madalena como líder de um antigo culto matriarcal da natureza. Nas palavras de Welborn,

Não há nada na realidade que conste das Escrituras sobre maria Madalena ou no modo como ela tem sido tratada na tradição cristã oriental ou ocidental que apóie qualquer coisa que Brown afirme¹⁹.

A exacerbada ênfase que Brown dá a Madalena em seu livro é outra característica do recente MNE encontrada em seu livro. Na verdade, é a versão *pop* de uma tendência acadêmica já com tradição em departamentos de religião de importantes universidades estadunidenses. As teorias de acadêmicas partidárias de uma teologia feminista radical (como Elaine Pagels e Riane Eisler) ou pseudoteólogas (como Margaret Starbird²⁰) provavelmente nunca seriam conhecidas de um grande público. Não se pode deixar de mencionar que tais obras buscam nos evangelhos gnósticos a base para suas afirmações. O pressuposto operacional e teórico básico desta nova tendência acadêmica é simples de se

¹⁹ Welborn, 204, p. 78.

²⁰ Brown cita explicitamente em OCDV um livro de Starbird (Sophie Neveu o vê na biblioteca de Leigh Teabing) que foi publicado no Brasil em 2004. Starbird faz sem dúvida “pseudoteologia” quando lança mão de numerologia para concluir (sic) que Madalena era adorada como deusa pelo cristianismo primitivo.

formular – faz-se uma construção teológica a partir da rejeição dos evangelhos canônicos e da aceitação dos evangelhos gnósticos, que passam a ser autoritativos²¹. O que Brown faz é se apropriar (acriticamente) de tais idéias e popularizá-las. Nesta perspectiva, tanto as obras verdadeiramente acadêmicas como as apenas tingidas por leve verniz de pesquisa científica (mas que, como visto, demonstram ter mais poder de influência popular) descobrem em Madalena o ícone de uma causa. Talvez seja possível entender o que está acontecendo a partir de um exame na cultura estadunidense como um todo, que é mais matriarcal e feminista que parece. Consciente ou inconscientemente, há mentes brilhantes em setores da academia estadunidense, e também astutos caça-níqueis que encontram convergência na tendência de rejeitar o tradicional papel da figura masculina na sociedade, e na exacerbação da figura feminina²².

A argumentação “pró-sagrado feminino” em OCDV peca também por uma tremenda omissão: não há em nenhum momento no livro de Brown nenhuma referência à figura de Maria, mãe de Jesus. Lendo Brown, fica a impressão que Maria mãe de Jesus jamais teve importância, por mínima que seja, na história da devocionalidade cristã. O presente artigo é escrito em perspectiva protestante, portanto, não romana. É evidente que o presente artigo não está de modo algum a defender a tradicional mariolatria da piedade popular romana. Mas não se pode deixar de observar, em uma perspectiva da história das idéias religiosas, que Maria, mãe de Jesus, a partir do século XII tem sido objeto de culto²³. Mesmo antes, no período patrístico, conquanto que não com a mesma intensidade do período medieval, já havia uma piedade marial²⁴. Estes fatos, ignorados (intencionalmente?) por Brown lançam por terra sua tese de que teria havido uma perversa conspiração masculina (e machista) para abafar o “culto da deusa”.

²¹ O irônico é que frequentemente partidários desta tendência acusam teólogos comprometidos com a ortodoxia teológica cristã tradicional de “fundamentalismo”. Mas não percebem que, na prática, conscientemente ou não, praticam um “fundamentalismo” com os evangelhos gnósticos.

²² Observe-se que nos popularíssimos “desenhos animados” estadunidenses, praticamente patrimônio da cultura *pop* em todo o planeta, não raro a figura do marido, do pai, é apresentada de maneira a ridicularizar o homem – com bom humor e descontração, personagens mais que conhecidos como Fred Flintstone, George Jetson e Homer Simpson são trabalhadores e honestos, mas trapalhões, desastrados e incompetentes, além de nunca tomarem em suas mãos verdadeiramente as rédeas de seus respectivos lares.

²³ Cf. Le Goff, 2003, p. 111-112. Para um estudo do papel de Maria mãe de Jesus na história das idéias, consultar Pelikan, 1996.

²⁴ Cf. Kelly, 1977, p. 491-499.

O aspecto mais bizarro e grotesco da defesa do “sagrado feminino” que Brown faz em OCDV está em sua afirmação que havia no Israel dos tempos do Antigo Testamento, um culto no qual o momento central da “liturgia” do Templo de Jerusalém seria uma relação sexual ritual (*hieros gamos*) que repetiria a “união” entre o próprio Deus “e sua poderosa consorte feminina, Shekinah”. Prosseguindo, Brown apresenta uma estranhíssima etimologia do nome sagrado YHWH, que, conforme Brown, seria derivado de Jeová, uma união física andrógina entre o masculino, *Jah*, e o nome feminino pré-hebraico de Eva, *Havah*. Nenhum estudioso do Antigo Testamento ou da história da religião de Israel, do ultraliberal ao ultraconservador, jamais fez tal afirmação. E por uma razão simples por demais: jamais aconteceu em Israel o que Brown afirma. Com tal afirmação, Brown só deixa claro que nunca estudou hebraico nem Antigo Testamento. Se o tivesse feito, não teria afirmado o que afirmou. Pois qualquer aluno do primeiro período de um curso de hebraico bíblico sabe que não há base ou a mínima razoabilidade nas teses de Brown.

Quem foi Jesus?

Dan Brown em OCDV faz uma revisão radical também da pessoa de Jesus. Brown entende que Jesus foi um mestre, apenas um mestre, e nunca teria desejado ser entendido de maneira diferente. A cristologia diluída de Brown tem sérios problemas. É curioso observar o que a este respeito foi afirmado por Dietrich Bonhoeffer:

A rejeição da cristologia é característica do todo da teologia norte-americana contemporânea. O cristianismo resume-se basicamente à religião e ética na teologia norte-americana. Consequentemente, a pessoa e obra de Cristo caem por terra, e permanecem basicamente não entendidos nesta teologia²⁵.

Brown também defende que o imperador Constantino, no século IV, é o responsável pela “invenção” da idéia de Jesus como o Filho de Deus. Esta idéia é uma premissa fundamental em OCDV. O que Brown não leva em conta é que Constantino não “inventou” absolutamente nada. O que Constantino realmente fez foi sancionar a vitória do partido da ortodoxia cristológica no Concílio de Nicéia. Ao contrário do que diz Brown, a posição ortodoxa que prevaleceu em Nicéia foi vitoriosa por ampla e folgada maioria. De modo que

²⁵ Bonhoeffer apud Braaten, 1995, p. 10.

é possível afirmar, sem medo de errar, que sempre houve, desde a aurora do cristianismo, a crença em Jesus como o Messias, o Filho de Deus. Há mais que vasta bibliografia a respeito. Por exemplo, Hurtado (2003) em alentado volume de 832 páginas, mostra como a crença e aceitação da divindade de Jesus sempre aconteceram na história do cristianismo de modo natural, jamais algo tardio, jamais uma imposição política de um imperador romano. Outra obra erudita de fôlego que mostra como indubitavelmente os primeiros cristãos criam piamente em Jesus como o Filho de Deus é o também alentado texto de Wright (2003). Em 740 páginas de pesquisa séria, Wright mostra o que verdadeiramente era a crença dos primeiros cristãos a respeito de Jesus.

A revisão de Jesus feita por Brown inclui o casamento dele com Maria Madalena. Conforme pensa Brown, todo e qualquer judeu tinha que ser casado. Só que, para atender aos interesses da corrente que, de acordo com Brown, tornou-se vitoriosa na história do cristianismo, todos os vestígios do casamento de Jesus e Madalena foram apagados pela igreja (ou, conforme Brown freqüentemente prefere, o “Vaticano”). De acordo com Brown, o cristianismo “vitorioso” tem aversão ao sexo, e por isso escondeu os relatos sobre a vida íntima de Jesus e Madalena.

Os evangelhos canônicos são claros em dizer que Jesus não se casou. Não há nada de aversão à sexualidade no celibato de Jesus. Uma leitura do Antigo Testamento (a *Tanach* dos judeus), posto que superficial, mostra como a sexualidade não é “tabu” em Israel, na vida dos fiéis em Aliança com o Eterno. Ao mesmo tempo, o judaísmo do Segundo Templo não tinha problema algum com judeus que optavam pelo celibato. Homens judeus celibatários não eram desconhecidos nem mal vistos no tempo de Jesus.

Resumindo: Brown desfigura a pessoa e a obra de Jesus Cristo em OCDV. O que apresenta não tem qualquer fundamento histórico.

Referências bibliográficas

BAINGENT, Michael, LEIGH, Richard, LINCOLN, Henry. *O Santo Graal e a linhagem sagrada*. São Paulo: Nova Fronteira, 1993.

_____. *A herança messiânica*. São Paulo: Nova Fronteira, 1994

BOCK, Darrell. *Quebrando o Código da Vinci*. Osasco: Novo Século, 2004.

BRAATEN, Carl E. & JENSON, Robert W. (eds.) *Either/Or*. The Gospel or Neopaganism. Grand Rapids: Eerdmans, 1995

BRICOUT, Bernadette (org.). *O olhar de Orfeu. Os mitos literários do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003

BROWN, Dan. *O Código da Vinci*. Rio de Janeiro: Sextante, 2004

_____. *Anjos e demônios*. Rio de Janeiro: Sextante, 2004

CALVINO, Ítalo. *Por que ler os clássicos*. 5ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 1993

CHARLESWORTH, James. *Jesus dentro do judaísmo*. Rio de Janeiro: Imago, 1992

DAVIS, Philip. *Goddess Unmasked: The Rise of Neopagan Feminist Spirituality*. Dallas: Spence Publishing, 1998

DEMURGER, Alain. *Os Cavaleiros de Cristo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

HAAG, Michael & HAAG, Verônica. *O Código da Vinci. História, personagens, lugares*. Rough Guide. São Paulo: PUBLIFOLHA, 2005

HURTADO, Larry. *Lord Jesus Christ: Devotion to Jesus in Earliest Christianity*. Grand Rapids: Eerdmans, 2003

ECO, Umberto. *Baudolino*. São Paulo: Record, 2001

FERGUSON, Marylin. *A conspiração aquariana*. Rio de Janeiro: Record, 1995

FUTTHARK, Run. *A misteriosa Ordem Templária dos monges e Cavaleiros da Luz*. Lisboa: Ésquilo, 2004

KELLY, J. N .D. *Early Christian Doctrines*. London: adam & Charles Black, 1977

LE GOFF, Jacques. *Os intelectuais na Idade Média*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2003

- LUNN, Martin. *Revelando o Código da Vinci*. São Paulo: Madras, 2004
- LUTZER, Erwin. *A fraude do Código da Vinci*. São Paulo: Vida, 2004
- MORAIS, Ludgero Bonilha. *Investigação introdutória da cosmovisão feminista: uma análise da nova metaespiritualidade*. Dissertação de Mestrado em Teologia. São Paulo: Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper, 2000.
- NEWPORT, John P. *The New Age Movement and the Biblical Worldview*. Grand Rapids: Eerdmans, 1998
- NOLL, Mark. *Momentos decisivos na história do Cristianismo*. São Paulo: Cultura Cristã, 2000
- PELIKAN, Jaroslav. *Mary through the Centuries*. Her place in the History of Culture. New Haven: Yale University Press, 1996
- PICKNETT, Lynn & PRINCE, Clive. *A grande heresia: o segredo da identidade do Cristo*. São Paulo; Beca, 2000
- POWER, Carla. Fighting for God. Europe's dwindling Christians take on 'The Da Vinci Code', and more. *Newsweek*. March 28, 2005, p. 49
- SHUGARTS, David. As falhas na trama e os detalhes intrigantes do CDV. In BURSTEIN, Dan (ed.) *Os segredos do Código*. Rio de Janeiro: Sextante, 2004
- STARBID, Margaret. *Maria Madalena e o Santo Graal*. Rio de Janeiro: Sextante, 2004
- VASQUEZ, Manuel. *O Movimento da Nova Era e a saúde holística*. Revista Teológica. SALT-IANE, Volume 3, Julho-Dezembro 1999, Número 2
- VÁSQUEZ DE PRADA, Andrés. *José Maria Escrivá*. Lisboa: Verbo, 2002
- WALSH, Michael. *The Warriors of the Lord*. The Military Orders of Christendom. Grand Rapids: Eerdmans, 2003
- WELBORN, Amy. *Decodificando Da Vinci*. Os fatos por trás da ficção de O CÓDIGO DA VINCI. São Paulo: Cultrix, 2004
- WRIGHT, N. Thomas. *The Resurrection of the Son of God*. Philadelphia: Augsburg Fortress Publishers, 2003